

REVISTA TRICERATA

ISSN: 2675-9349

Nº 05 Junho, 2021

Hopepunk

ÍNDICE

- 04 EDITORIAL
- 07 ENTREVISTA
Com a escritora Júlia Capuano
- 10 ENTREVISTA
Com o escritor Eduardo Miranda
- 12 HOPEPUNK
Por Oghan
- 14 CONTO "ENTRE DUAS PORTAS"
Isabel Furini
- 17 CONTO "UM CORPO MERGULHADO"
Júlia Azzi
- 20 CONTO " PLÍNIA E OLÍMPIA"
Maira Moura
- 26 NOVIDADES E LANÇAMENTOS



REVISTA TRICERATA

EDITORIAL

A Revista Tricerata chegou!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Esta quinta edição traz uma entrevista inédita com a escritora Júlia Capuano, que traduziu Clare Winger Harris pela Cyberus, além de uma entrevista com o escritor Eduardo Miranda, contos e uma matéria sobre Hopepunk.

Maurício Coelho
Editor-chefe

A Revista Tricerata é uma publicação independente.
Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora.
Acesse pelas imagens abaixo:



EXPEDIENTE

Fundador e editor-chefe:
Maurício Coelho

REVISTA TRICERATA

Capa:
Анастасия Птицова

Design e diagramação:
Ana Ferreira

Todas as imagens utilizadas nesta revista são imagens livres de direito.



REVISTA TRICERATA

ENTREVISTA COM A ESCRITORA *JÚLIA CAPUANO*



1 - Então, começa te apresentando e contando pra gente como surgiu teu desejo pela escrita?

Pra ser sincera, escrever histórias nunca foi uma paixão minha, como é a leitura. Eu sempre gostei de ser surpreendida com as histórias então preferia ler alguma do que criar a minha própria. Porém, o desejo pela tradução surgiu após me dar conta do nível de inglês que eu já tinha e de que seria bacana ajudar a trazer para o Brasil histórias

que não seriam acessíveis a todos por conta da barreira do idioma.

2 - Como tu divulgas tuas obras?

Geralmente eu divulgo nas minhas redes sociais, Twitter e Instagram, e mando também os *links* de divulgação e venda em grupos de amigos ou conversas privadas no Whatsapp. Eu sou novata nessa questão de divulgação, então geralmente faço somente um *post* simples em cada rede e compartilho.

3 - Como foi traduzir as obras da Clare Winger Harris pela Editora Cyberus?

Foi divertido. Principalmente a primeira obra que traduzi, “A Droga Diabólica”. Eu gostei bastante da forma como a autora narrou este conto, e também do enredo em si. Já a segunda obra que traduzi, “O Bebê em Netuno”, foi um pouco mais complicada, tanto por ser um conto mais extenso, quanto por conter muitas explicações científicas que não domino. Em suma, fiquei muito contente de traduzir duas obras de ficção científica escritas por uma autora mulher. Acho extremamente importante resgatar e dar visibilidade a essas autoras.

4 - Como é traduzir uma obra para a língua portuguesa? Como tu te sentiste traduzindo? Qual foi tua maior dificuldade?

Bem, é um trabalho um pouco complicado, principalmente para encontrar palavras semelhantes ao significado original de uma frase. Acho particularmente difícil traduzir contos antigos, como os do fim do século XIX e início do século XX, pois

há uma grande presença de palavras cujo significado eu desconheço, fora a pesquisa que deve ser feita para traduzir de uma forma que o significado original não se perca. Claro que isso é desafiador, já que, em alguns casos, é praticamente impossível deduzir a intenção do autor em certas escolhas e passagens. Outra coisa desafiadora, na minha opinião, é a de pensar os diálogos em português de modo que eles aparentem acontecer de fato na época em que o conto se passa e/ou foi escrito.

5 - Alguma dica para quem deseja traduzir?

Acho que o importante é ter segurança com o idioma estrangeiro, ler muito, e pesquisar bastante também, para não cometer erros com falsos cognatos, ou então palavras iguais que tenham sentidos diferentes. É sempre bom conversar com outros tradutores, pedir a opinião deles em trechos que tenha dúvida. Essa troca é sempre positiva e a gente sempre acaba aprendendo mais e mais.

REVISTA TRICERATA



ENTREVISTA COM O ESCRITOR *EDUARDO MIRANDA*

1 - Então, começa te apresentando e contando pra gente como surgiu teu desejo pela escrita?

Na verdade, sempre um desejo de contar histórias e algumas vezes pensei em escreve-las, em 2008 durante um intervalo para o “cafezinho” no trabalho, eu e um colega do setor trocamos algumas ideias sobre o tema fantasia, e pensamos em possíveis roteiros de histórias de dragões que saíssem da mesmice em “Um garoto encontra um ovo de dragão, cria este dragão e juntos lutam contra o mal e caçadores de dragões. A partir daí surgiu a história do meu primeiro livro, *Maddems* que devido a vários fatores foi finalizado somente 2018.

2 - Como tu divulgas tuas obras?

Tenho uma página no Facebook onde publico informações dos meus livros, pensamentos e curiosidades. Também divulgo

em vários grupos do Facebook com foco em leitores.

[Eduardo Miranda - Escritor Facebook](#)
[@eduardomirandaescritor](#)

3 - Já submeteste tuas obras para alguma editora?

Já sim, no sistema de editoração tradicional não obtive sucesso e no sistema de pagamento para editoração cheguei a negociar com algumas editoras mas o atual cenário econômico impossibilitou o progresso das negociações.

4 - Podes falar um pouco sobre teu processo de escrita? Tens algum ritual?

Primeiro faço um levantamento de nomes e características dos meus personagens, monto uma “espinha do dorsal do roteiro”

apenas para servir como norte, de onde partir, por onde seguir e onde chegar o restante fica por conta da inspiração. E também procuro sempre citar costumes e fatos ocorridos na época em que a história é contada. A inspiração é meu ponto de partida e ela se baseia quase que sempre nas décadas de 80 e 90, sendo assim, tenho o ritual de selecionar músicas destas décadas para ouvir enquanto escrevo, elas me transportam pelo tempo e me ajudam a ambientar minhas histórias.

5 - Qual a obra que mais gostaste de escrever?

Todas são especiais, são como filhos, nenhum é mais que o outro, porém cada um tem sua relevância específica. Maddems foi o primeiro, mais difícil e trabalhoso do que os outros e o que demorou mais tempo para ser finalizado. O Santo Amigo foi pura inspiração tornando a escrita fácil e a conclusão ocorreu em seis meses.

Conto para Acampamentos é um tema que me cativa e no período de um ano foi desafio criara um conto de terror a cada semana. Finalmente A Estrada Escura foi outro desafio, eu queria escrever algo rápido e que tivesse uma quantidade de páginas abaixo de 300, encontrei uma plataforma onde assumi o compromisso de escrever online um capítulo por semana, foi uma experiência sensacional.

6 - Algum conselho para quem está começando a escrever?

Sim, que acredite ser possível escrever, que coloque no papel o que sente da forma como sente sem preocupar-se com quem irá ler e o que irão pensar. Escrever é uma arte e assim sendo ela só será boa o suficiente se absorver os sentimentos verdadeiros de quem a escreve.



HOPEPUNK

QUANDO O ESPÍRITO HUMANO PREVALECE

Oghan



Lá pelos idos de 2010, quando o conceito de steampunk começou a se tornar mais famoso no Brasil e com o crescimento das lojas steampunk regionais, poucas pessoas tinham em mente que os gêneros “punk” poderiam ir muito além do cyber, do steam e do dieselpunk.

E foi bom que estivéssemos errados em limitar o gênero a uns poucos rótulos, uma vez que o maior sentido do punk está em quebrar barreiras e se rebelar contra o sistema de maneira geral,

propondo um novo pensamento para o status quo.

Entretanto, o que acontece com o “punk” em um mundo cada vez mais sombrio, egoísta e mesquinho como o nosso, que tem o cinismo como arma e a opressão como escudo? Como lidamos com o fato de que uma humanidade cada vez mais conectada acaba por se tornar cada vez mais dividida e segregada a cada dia, exultando suas diferenças ao invés de abraçar suas semelhanças?

É aí que surge o Hopepunk: este gênero literário pode ser considerado uma luz de esperança mesmo nos tempos mais sombrios, já que a esperança (hope) é o combustível que move as histórias.

Não confunda o hopepunk com o “new age namastê” supertóxico que invade as redes sociais hoje em dia e busca se alienar dos males do mundo como forma de “superação” dos problemas reais enfrentados por pessoas reais. A visão estoica e resignada não é hopepunk, porque o movimento precisa se importar, precisa se incomodar para querer gerar a mudança que idealizado dentro de si, para o mundo.

Nada disso, o hopepunk sabe muito bem que a fome, a miséria, as ditaduras e os conflitos existem, seus personagens, o seu cenário não precisa ser e muitas vezes, não é bonitinho e alegre, muito pelo contrário: O Conto da Aia está aí para te mostrar, ou o novo desenho da She-Ra também.

O hopepunk não é tão estético quanto o cyberpunk ou o steam, podendo, inclusive, se passar nestes cenários, já que a esperança é atemporal. O hopepunk é uma ideia e, por isso mesmo, difícil de

definir e catalogar: mas dentro desta ideia, o hopepunk não é alienado, ele é político, esta esperança nasce do desejo de combater injustiças sociais, problemas do mundo e do enfrentamento de uma realidade para a qual queremos dar um “basta”, ele precisa ser uma afirmação pessoal do eu lírico envolvido na obra de que a sua maior arma é a esperança e que ele vai utilizá-la para encontrar meios de mudar o mundo.

E que obras Hopepunk podemos citar aqui no Brasil?

Sobreviventes – de Danny Marks.

Sensciente Nível 5 – Carol Chiovatto

Os Oradores dos Sonhos



ENTRE DUAS PORTAS

Isabel Furini

Fabiana observou com admiração os enormes lustres de cristal do teto. Parecia que o velho casarão havia voltado à vida. A orquestra tocava música. As mulheres com joias ostentosas sorriam enquanto os garçons atravessavam a sala oferecendo uísque importado e champanha.

Fabiana trabalhava em uma imobiliária e conhecia a história da mansão, moradia de um casal da alta sociedade curitibana e local de festas chiquérrimas, lá pelas décadas de 30 e 40. Os donos foram assassinados em uma noite de carnaval de 1946 e a casa ficou abandonada. Reforçou a fama de casa mal-assombrada o fato de um mendigo ter-se enforcado numa das árvores do jardim, em 1973. Os vizinhos ficaram apinhados no portão durante várias horas.

Fabiana observou sua imagem no espelho. O vestido preto com lantejoulas deixava-a linda e magra. Daniel, irmão do namorado de Natália, olhava-a desde as grossas lentes, sem falar.

– Acompanhe-me ao banheiro, por favor, é nesse corredor.

As duas caminharam até a primeira porta, estava fechada. Caminharam até a segunda porta. Natália, abrindo-a devagar, exclamou: Que banheiro luxuoso!

Havia uma enorme cadeira de madeira, muito rústica, entre as duas portas.

– Muitas pessoas foram torturadas em essa cadeira.

Fabiana observou dependurados na parede uma coleira grossa e duas máscaras, e sentiu um ar frio percorrer seu corpo.

– Veja aquele quadro...

Só nesse momento Fabiana reparou no quadro enorme, localizado no alto da parede. Não podia acreditar! Um sonho repetido estava tirando sua tranquilidade. No sonho, ela deambulava por um cemitério e detinha-se diante de um mausoléu de mármore preto com uma porta de metal. Na parte inferior da porta, havia incrustações de nácar representando um anjo encadeado. Na parte superior, um retângulo de vidro transparente com grades pretas. A porta estava entreaberta e ela conseguiu ver, à luz de uma lamparina, um menino de cinco ou seis anos, chorando. Estava de costas, o cabelo encaracolado loiro escuro, uma camisa longa de cor marrom e os pés descalços.

Quinta-feira o ruído do telefone libertou-a desse sonho. Era Natália para convidá-la a uma festa. E agora ela estava na festa olhando para um quadro que era uma réplica de seu sonho, ou seu sonho seria uma réplica do quadro?.. Teve vertigem. Em um momento estava lá, na frente do quadro, e de repente fazia parte dele. Tremendo, desceu os degraus e foi até o menino que chorava. Pegou-o pelos ombros e forçou-o a olhá-la. A criança virou-se. Seu rosto era angelical. Nesse momento Fabiana percebeu uma tatuagem na têmpora esquerda com os números... Aqueles números! Seu coração disparou. Retrocedeu e começou a subir os degraus. Mas o menino empurrou-a com a força de um adulto e ela caiu ao lado do pequeno caixão branco. Ele subiu os degraus, virou-se, soltou uma gargalhada e fechou a porta.

Fabiana, tremendo, subiu os degraus e tentou abrir a porta. Não conseguiu. Apoiou o rosto no vidro. Olhou para fora e viu o menino pular do quadro.

Uma senhora que procurava o banheiro, viu-a cair. A mulher, assustada, alertou os seguranças. Várias pessoas aproximaram-se de Fabiana, que se debatia no chão e falava palavras ininteligíveis.

Fabiana, com o rosto apoiado no vidro, batia na porta e gritava: Estou no quadroooo!

Ela viu os dois homens vestidos de branco pegar seu pulso, auscultar seu coração, procurar a veia do pescoço.

– Eu sou amiga dela – disse Natália. Ela tomou antidepressivos antes de sair de casa e bebeu vários copos de uísque

– Lamentamos muito, mas ela está morta.

Algumas exclamações e logo o silêncio estendeu-se pelo corredor e pela sala. Até a orquestra silenciou.

Fabiana observou que levantavam seu corpo do chão e o colocavam sobre uma maca. Apertou o nariz contra o vidro gritando, desesperada, pois sabia que seu corpo seria levado ao necrotério enquanto ela estava quadro, aprisionada. Bateu o vidro até quebrá-lo. Machucou-se a mão esquerda e um pingo de sangue caiu do quadro. Só uma moça notou, mas, sem acreditar no que viu, assustada, disse para o namorado: Vamos, vamos...

Os convidados iam abandonando o casarão, alguns em silêncio, outros, falando baixo. Só ficaram no corredor Natália e os paramédicos. Fabiana viu o menino, acorado, ao lado da cadeira. Natália aproximou-se dele, pegou-o pela mão e ambos se afastaram pelo corredor. Escutou o menino murmurar algo. Então, ambos viraram a cabeça e, com sorrisos burlões, acenaram para o quadro.

Isabel Furini é contista, poeta e educadora. Autora de 35 livros, entre eles, *Os Corvos de Van Gogh* (poemas). Seus trabalhos foram premiados em Brasil, Espanha e Portugal; é criadora do Projeto Poetizar o Mundo; acadêmica da AVIPAF e participou de antologias em Portugal, Argentina e Chile.



UM CORPO MERGULHADO

Júlia Azzi

Ester olhou fundo, como no dia anterior, mas não conseguia identificar o que havia de tão estranho no sorriso daquele homem. Tentava avaliar a situação, mas esbarrava na própria fúria de saltar naquele abismo. Nem parecia que só tinham se conhecido na noite anterior. Era mais como se tivessem se reencontrado depois de tempos imemoriais. Mal hesitou quando ele disse que apareceria hoje de novo. Abriu a porta no primeiro chamado de seu nome. Mas a cada olhar se perdia naquele mistério, como se os olhos, a pele, a boca, fossem signos que precisasse interpretar. E tentava interpretar também a si mesma, e descobrir por que não hesitava, por que pela primeira vez, desde aquela noite no inferno, não hesitava.

Ester era inteiramente incômodo e desejo. O próprio corpo ansiava por descobrir algo que estava oculto. Nele? Em si? Ele tinha a voz simultaneamente macia e metálica. Ecoou pela casa quando entraram. E a casa toda se tornava estranha. Os passos dele, invasores, lembravam o piso virgem dos passos de meses atrás. Porém, era como um negativo daqueles passos, provocando vontade de descoberta ao invés de fuga.

Nesse momento ele a abraçou. Era um abraço de mil espadas. E, no beijo, metade dela desapareceu, como se tentasse coordenar os gestos a partir de um observatório de dentro de si e nada mais estivesse fisicamente ao seu alcance. Havia pouca decisão em qualquer movimento que fizesse dali em diante. O beijo dele também era macio e metálico. Embora fossem de um jeito que nunca tinha sentido antes, lembravam aqueles do passado, guardados em si, nessa mesma região de onde agora observava, ébria nas próprias sensações.

Nesse quarto não, esse quarto eu sepultei, ela gostaria de dizer. Mas era como se explodisse dentro de um rio. O rosto talvez borbulhasse um medo, mas não conseguiria dizer, e ele já não parecia querer saber. Talvez nunca quisesse saber nada, nem nome, nem endereço, nem o que

tinha feito aquele dia. Já conhecia tudo que havia para conhecer. Apenas queria levá-la por portas e mais portas. Ester, Ester, vamos ao lugar que sepultaste.

Ela era levada, e ele a abraçava com o frio de espadas, mil espadas. Como um rio, como aquele rio do passado, agora lhe invadindo, onde ela mergulhava sem querer, por querer, onde mergulhava sem o domínio do corpo, e talvez aceitando, porque chega de segredos. Ela não conseguia mexer a maquinaria. Tinha medo dos rios. Delírios. Corpos afundados. Na parte macia da voz daquele em que se apoiava, parecia ver o outro, o do passado, que sumira no escuro do rio, repleto das pedras, desbravando tão rápido uma profundidade que ela nunca conheceria, a não ser agora, toda a profundidade de um rio segurando-lhe pelas costas. Sentiu que lhe pesavam as consequências.

No quarto, ele nada fez, apenas esperou. Sabia que as tempestades viriam, e Ester afundou mil camadas do chão. Tudo nela era meio oceânico. Sem o braço dele em si, ela recuperava aos poucos o controle, mas era tarde. O quarto avançava como uma onda que não podia impedir. A cômoda flutuava, a cama estava repleta das águas, tudo se moldava como em um aquário. Ela pediu desculpas ao passado. Quase conseguia enxergar os cacos, o sangue tão bem limpo, o abajur quebrado que fora consumido, triturado, jogado em outros matos. Bastava um abajur para desfigurar no impulso da raiva um rosto que amava. Já tinha sepultado. Mas algumas coisas não se sepultavam.

E, insepulto, o passado renascia no rosto do homem que a acompanhava. Ele mudava de forma, diminuía, dissolvia as feições belas e frias para apresentar um pálido rosto esburacado, uma pele fina estendida por um rosto murcho. E no rosto murcho ela descobria o homem que tinha matado, como se diminuído no meio dessa forma corcunda, frágil e ainda assim ameaçadora. Ainda ele, gelado de rio, transformado em superfície sem vida. Somente metálica agora.

Ele tinha sido bonito até que deixara de ser, naquele ataque súbito, um soco, ela ainda sentia na bochecha esquerda. Por esses meses não tinha deixado de sentir. E ainda conhecia a fúria se apossando, a fúria no abajur estilhaçado, todo o quarto habitado por sua luz pálida. Ester sentiu o sangue de antes, o sangue brotando nas roupas como antes. Não deu tempo de ter medo, mas ainda teve raiva, enquanto o destino chegava nas mãos metálicas. Ester, Ester. Se deitou na cama que nunca mais ocupou,

tentou recuperar nos gestos a vontade que já estava pequenina no centro do corpo, mas o resto já adormecia, dominado por mil pragas.

Sabia-se num delírio que não mais acabava, a lucidez sendo comida aos poucos. Sentiu o ar escapar de si sem ter novamente o que a preenchesse. Lutava pela volta de um ar que lhe arrebatasse, com raiva, medo, culpa, com todos os sentimentos que nublara após aquele dia. Mas como se embaixo d'água, trancada a respiração, sentia em cima de si o peso de um corpo repleto de pedras.

Júlia Azzi nasceu em Porto Alegre, mas vive em São Jerônimo, RS. É escritora e professora de língua portuguesa e literatura. Graduada em letras e mestre em estudos literários aplicados pela UFRGS, já teve textos publicados em antologias, como *10 poetas*, *O Verbo em Nós* e *Coisas que as Mulheres Escrevem*, e em revistas literárias, como *Litera Livre* e *Tremembé*.



PLÍNIA E OLÍMPIA

Maira Moura

Cortava a cidade um riacho verde ou azul que dividia as pessoas tanto em geografia (os que moravam do lado de cá e os que moravam do lado de lá) quanto em opinião (os que achavam que o rio era verde e os que achavam que ele era azul). A cor era uma só dia e noite, mas havia os que batiam o pé e proclamavam que o rio era azul imaculado como o céu, e os que não aceitavam que ninguém discordasse que ele era verde como a grama fria.

Foi essa ambiguidade que inspirou Maria Silva a escolher verde e azul para os olhos de Ivan, seu terceiro marido. A septuagenária, viúva e esquelética Maria Silva, projetou e construiu os maridos que teve, até onde se saiba, três. O primeiro, Pedro Papel, foi feito de papel machê e se desfez em um dia de chuva. O segundo, Wood, foi feito de madeira e se queimou até a medula em um pequeno incêndio controlado. Ivan era feito de metal, todo ferro velho, charmoso no seu estilo sustentável.

A cabeça cinérea era feita de crânio puro, sem nariz e com o maxilar móvel (embora fosse apenas um truque de humanização, pois a sua fala era cinético independente). Era um robô saudável e não dormia. Pela manhã, costumava caminhar e conversar com as pessoas que lavavam a louça, mas só aquelas que tinham a janela da cozinha alinhada com a pia e podiam ver Ivan quando ele passasse. Havia um hábito entre elas de presentear o homem metálico com ímãs de geladeira e Ivan, às vezes, chegava em casa pesado demais para suas roldanas internas, embora isso não o afetasse com mazelas humanas como a fadiga ou a exaustão. Ele ia à própria cozinha arrumar os novos ímãs na geladeira e, diante da retangular e operária colega, ruminava triunfante sobre a sorte que fez dele a máquina andante e falante, entre as duas.

Já foi dito que cada um dos seus olhos era de uma cor, o que pode ser reconhecido como a marca da engenheira, que detestava pares idênticos. Alguns podiam entender como um capricho, uma assinatura

de artista, o fato de que Maria Silva não permitia a repetição de objetos na sua casa. Para o café, ela se acomodava em uma cadeira de vime e encosto almofadado enquanto Ivan se sentava em uma cadeira de madeira pintada de branco, não muito confortável (mas ele não reclamaria nem se houvesse pregos no assento). Ela bebericava café adoçado, na xícara com motivos geométricos, e ele encarava uma xícara azul turquesa de asa dourada, que estava ali por disciplina, assim como ele na mesa. Outro exemplo, esse um pouco mais absurdo, eram os sapatos. A velha Maria Silva não tinha sapatos iguais, ainda que a forma diferente para cada pé tivesse sido inventada já no século 19. Ela possuía modelos iguais de cores diferentes ou cadarços variados. As mãos, Maria diferenciava com unhas compridas na direita e cortadas na esquerda.

Não eram variadas as irmãs Plínia e Olímpia. As duas brincavam em frente à casa de Maria, arremessando vez ou outra uma bola ou boneca no alpendre da velha e tendo que, muito habilmente, recuperá-las em silêncio. Plínia era baixinha, risonha, grosseira, um pouco abusada, e Olímpia era exatamente igual. Olímpia tinha o rosto pequeno, os olhos grandes sob sobrelhas espessas e o cabelo caramelo repartido ao meio, e Plínia também. Ninguém sabia qual das duas tinha nascido primeiro porque a enfermeira havia se confundido logo que elas foram postas lado a lado. Gostavam de usar roupas idênticas e quando pintavam as unhas uma da outra pareciam uma lemniscata muito graciosa e agradável. A regra geral dos gêmeos é que sejam iguais de aparência e não necessariamente de temperamento, mas calhou de nascerem no mundo duas meninas tão iguais que se diria que só uma delas realmente existia.

Uma vez, Plínia jogou uma peça de dominó que foi parar a um palmo do tapete “welcome” da velha Maria. O terror maior foi perceber que Ivan estava ao lado, repousando sua lataria em uma cadeira. O robô recolheu a peça antes que as garotas pudessem se aproximar. Elas nunca haviam falado com ele e achavam que ele fosse ladrar como Maria Silva, que detestava o par de meninas, mas ele apenas devolveu a peça com um sorriso de ferro de passar roupas.

Olímpia e Plínia responderam em uníssono:

— Obrigada, tio!

Qual de vocês é a verdadeira, ele pensou em perguntar, mas o

programa de *bons modos e cortesia* bloqueou a pergunta. No dia seguinte, contou à esposa que havia sonhado (não sonhava realmente, mas fechava as pálpebras de estanho e produzia vários pensamentos livres que chamava de “sonho”) com as gêmeas que moravam em frente — que elas eram duas e então três, e depois quatro e cinco, e quando ainda podia contar, havia uma dúzia delas, todas com o mesmo projeto de construir um palácio de dominó de marfim. Maria Silva escutou franzindo o rosto em repulsa, e então teve uma ideia. Abriu a tampa nas costas do robô, revelando um computador torácico no qual ela trabalhou por meia hora inserindo certa funcionalidade nova.

Quando carregado de ímãs, certa manhã Ivan encontrou as gêmeas brincando na calçada. As meninas, com quatro mãos sincronizadas, começaram a mexer nos ímãs novos, mudando de posição como lhes parecia mais apropriado.

Com a voz de um ventilador, Ivan perguntou:

— Olímpia, qual é a sua música favorita?

A menina estranhou a aleatoriedade da pergunta, mas achou que fosse coisa de robô e respondeu sem rodeios:

— A música do comercial de inseticida!

— Plínia, qual é a sua música favorita?

A irmã também não pode ignorar a rapidez com que ele mudou de interlocutora, mas achou que fosse coisa de robô e respondeu idêntica:

— A música do comercial de inseticida!

— Olímpia, o que você faz quando está com dor de dente?

O robô continuou disparando perguntas idênticas para as duas, uma por vez. Elas entenderam que ele estava brincando de programa de entrevistas e passaram a cruzar as pernas e rir alto como as moças entrevistadas na televisão. Variando entre Olímpia e Plínia, ele perguntou qual livro elas detestavam, qual seria o seu marsupial favorito, qual seria o seu número da sorte, se elas acreditavam em Deus, o que elas preferiam: charrete ou automóvel, balão ou dirigível, skate ou patins, etc...

Quando Ivan chegou em casa naquele dia informou que as meninas tinham respondido a todas as perguntas igualmente. Então, com uma careta de nojo, Maria Silva abriu a tampa entre as omoplatas do robô

e digitou no minúsculo teclado aproveitado de um pager fabricado em 2001.

No dia seguinte, quando as meninas encontraram Ivan e o convenceram a brincar de pular corda (ele segurava uma ponta enquanto as duas se revezavam entre girar a corda pela outra ponta e pular), foram novamente atacadas com uma série de perguntas. Daquela vez os questionamentos vieram como desafios — o que elas preferiam: jacaré ou crocodilo, camelo ou dromedário, cordeiro ou cabrito, violeta ou púrpura, Coca-Cola ou Pepsi... Elas nunca escorregavam e sempre davam a mesma resposta.

Naquele dia também, Ivan chegou em casa e relatou que as meninas responderam tudo igual. Maria Silva transformou o rosto em uma carranca de asco. O motivo pelo qual a velha contorcia o rosto todas as vezes que pensava nas gêmeas rubicundas repetindo as mesmas preferências, tinha a ver com a sua obra na juventude.

Enquanto funcionária da agência secreta, ela foi responsável pelas maiores inovações em seu campo de atuação, criando soldados com corações de puro bombeamento, os legítimos instrumentos da paz controversa no Oriente Médio. Quando se deu conta que seus meninos tinham matado em massa, o que a contabilidade comparou com Auschwitz, ela entrou em pânico, sofrendo a mesma penitência de Santos Dumont. Então, mudou de nome (para Maria Silva) e se exilou secretamente em uma cidade pacata com um rio no meio. Foi na mesma época que adquiriu uma aversão exacerbada por tudo que fosse em série — tudo que a sugerisse, mesmo que remotamente, um exército de robôs, — e decorou sua casa seguindo essa aversão, deixou as unhas de uma mão crescerem, passou a se olhar no espelho com um olho fechado, e nunca, nunca mais mesmo, entrou em um mercado. Agora, por mais que planejasse com esmero uma vida livre de multiplicidades, nunca havia lhe ocorrido, nos preparos, checar se por acaso havia de morar um par de gêmeas na sua vizinhança.

Certa manhã, o robô Ivan encontrou as meninas de galochas e varas de pescar.

— Hoje não podemos brincar de entrevista, tio. Amanhã a gente brinca!

— Aonde vocês vão?

— Vamos pescar lá no rio.

O robô computava todo o diálogo com as meninas, função ativada automaticamente após o reconhecimento facial. As interações vinham do programa básico de conversação que ele usava com qualquer humano.

— A Plínia sempre diz que o rio é verde, mas ela é doida, né? É claro que é azul.

— É claro que não! Você sempre insiste que é azul, mas o rio é verde, óbvio! Não é, tio?

— Desculpe-me, não sei responder a essa pergunta — Ivan disse com voz de liquidificador.

Quando voltou para casa, informou que não chegou a fazer as perguntas programadas na atualização mais recente.

— Elas não estavam na rua?

— Estavam sim, mas de saída para pescar no rio. Querida, hoje eu não soube responder a uma pergunta — Ivan era programado para alertar nesse caso, a fim de que a esposa pudesse abastecer seu banco de dados.

— E qual foi a pergunta?

— Qual seria a cor do rio.

— Ah! Isso! Bem, era para ser uma resposta só, mas nesse caso... Tem muita gente que diz que é verde, e tem outras que dizem que é azul. É quase como um teste psicotécnico a cor desse rio. Deixa isso para lá, te computar uma resposta só te personalizaria. Pode categorizar como “pergunta pessoal” — Sentando-se na cadeira de vime, Maria disse:

— Agora, chega aqui, pensei em umas perguntas novas para as gêmeas.

Ivan se agachou de costas para Maria Silva, que desparafusou a tampa do computador, reciclada de um modem fabricado alguns dez ou quinze anos atrás.

Maira Moura nasceu no Rio de Janeiro e mora em Tóquio. É formada em Letras pela UFRJ, autora dos livros *O Jardim Animado* (2015, ed. Multifoco) e *Tóquio após o segundo grande terremoto de Kanto* (2020, plataforma Kindle), além de ter contos publicados em coletâneas e periódicos literários de língua portuguesa e uma coletânea de quadrinhos bilíngue inglês-japonês.

As novas vozes femininas da ficção científica brasileira

Organizadora:
Alessandra Soletti



EDITORA CYBERUS

O conto “Plínia e Olímpia” está inserido na antologia *As novas vozes femininas da ficção científica brasileira*, organizada pela Alessandra Soletti, e ficará disponível em e-book e em livro físico. Confira nosso catálogo no link: <https://linktr.ee/lojacyberus>

NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Em outubro do ano passado, lançamos o nosso podcast, o Território Cyberus, nas principais [plataformas de áudio](#). Agora, estamos lançando *audiobooks*! E caso tenham alguma sugestão de assunto que vocês queiram conversar e/ou ouvir manda pra gente! Como sabem, estamos sempre correndo atrás de conteúdos novos.

Lançamos a **Associação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia (ABFCF)**. Você pode conhecer a ABFCF [clicando aqui](#).

No dia 20 de maio de 2021, lançamos o nosso primeiro projeto de financiamento coletivo para a publicação da antologia distópica *Panóptico*. Você pode conferir aqui o [catálogo da editora](#).

Para os próximos meses, também iremos lançar algumas de nossas antologias através do financiamento coletivo. Todas as campanhas serão **tudo ou nada**, portanto, toda ajuda é bem-vinda.

Por último e não menos importante, estamos com uma assinatura recorrente no Catarse para nos ajudar a continuar com a Revista *Tricerata*. Tivemos o apoio do Fábio Silva Costa. Para quem não o conhece, ele possui vários projetos literários na ficção científica, um deles é o projeto chamado *Leviatan*, que são sete novelas “ambientadas em um futuro desestruturado da sociedade terrestre (o que seria um tanto diferente da noção de pós-apocalipse), tratam da reconstrução política e social da Terra”. A primeira história já está concluída e ele já iniciou a segunda! Fábio, nosso muito obrigado!

É isto, pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!